

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS¹.

Ana Maria Bezerra do Nascimento²

RESUMO

O artigo é sobre a confluência do romance e o ensaio entre as ciências sociais e a literatura em tempos modernos. Ao longo do artigo, procuro indicar as interlocuções entre os gêneros, como foram amplamente adotados por muitos autores que buscavam entrar em sintonia com as transformações pelas quais passava o campo intelectual brasileiro, exigia interpretar as novas configurações do mundo moderno, seus pontos de contatos e eventuais repercussões no Piauí. O estudo concentra-se na atuação de modernistas e regionalistas, pois renovaram o romance e o ensaio como suportes mais originais de interpretação da modernidade brasileira.

Palavras-chave: Modernismo. Regionalismo. Romance.

ABSTRACT

The article is about the confluence of the novel and the essay between social sciences and literature in modern times. Throughout the article, I seek to indicate the interlocutions between the genres, as they were widely adopted by many authors who sought to be in tune with the transformations that the Brazilian intellectual field was going through, demanding to interpret the new configurations of the modern world, its points of contact and possible repercussions in Piauí. The study focuses on the actions of modernists and regionalists, as they renewed the novel and the essay as more original supports for interpreting Brazilian modernity.

Keywords: Modernism. Regionalism. Romance.

RESUMEN

El artículo trata sobre la confluencia de la novela y el ensayo entre las ciencias sociales y la literatura en los tiempos modernos. A lo largo del artículo, busco señalar las interlocuciones entre los géneros, tal como fueron ampliamente adoptados por muchos autores que buscaron estar en sintonía con las transformaciones que atravesaba el campo intelectual brasileño, exigiendo interpretar las nuevas configuraciones del mundo moderno, sus puntos de contacto y posibles repercusiones en Piauí. El estudio se centra en las acciones de modernistas y regionalistas, que renovaron la novela y el ensayo como soportes más originales para interpretar la modernidad brasileña.

Palabras clave: Modernismo. Regionalismo. Romance.

¹ O tema é parte da tese de doutorado e foi continuado no PIBIC – UESPI 2020-2021. Tem previsão de continuidade.

² Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (1993). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2005). Doutorado em Ciências Sociais PUCSP (2020). Professora da Universidade Estadual do Piauí do curso de licenciatura em Ciências Sociais. E-mail: anabezerra@cchl.uespi.br

Algumas palavras para iniciar

Entre fins do século XIX e começo do XX, em meio ao processo de especialização das interpretações no e para o Brasil, literatos e cientistas disputavam a prerrogativa de intérpretes do Brasil. Esse momento ficou conhecido por “*intermezzo*” ou “pré-modernismo” (MICELI, 2001, p. 15), antecede com a guinada telúrica da semana de arte moderna de 22, e sucede o regionalismo de 26. Os dois movimentos são representativos de um cenário das mudanças que estavam ocorrendo no campo intelectual brasileiro, daí importância de refletir como o modernismo e o regionalismo adotaram o romance e o ensaio como suporte de interpretação mais originais sobre o Brasil.

Desse modo, os dois movimentos, que inicialmente atuaram de modo paralelo, encontraram-se e entrelaçaram-se na década de 1930, buscando, cada um à sua maneira, uma interpretação sobre a modernidade brasileira em suas particularidades e universalidades. Nesse período, segundo Antonio Candido (2000), já estava em curso a formação das tradições literárias que fundaram as bases das ciências sociais brasileiras, com a atuação vigorosa da “geração renovadora” que tinha como elemento estruturante dessas ideias, a missão de escrever com “imaginação e talento literário” arrojados estudos sobre o Brasil, pois era preciso “experimentar formas novas e descobrir sentimentos ocultos” (CANDIDO, 2000, p. 112).

Eram escritores contumazes na imprensa, nas editoras, revistas e periódicos das academias de letras e dos institutos históricos geográficos, viram no modernismo e no regionalismo uma oportunidade de debater o Brasil para além do Norte ou do Sul, do centro ou da periferia, do planalto e das serras, da seca e das águas, da caatinga e do agreste, do rio e do mar, do sertanejo, vaqueiro, índio, negro, em seus costumes, hábitos, modos de vida, entre outros aspectos reveladores de um constructo histórico e sociológico.

Eram modernistas porque, integravam o movimento modernismo que segundo Candido (2000), é “(tomado como conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro” (CANDIDO, 2000, p. 214). Ainda segundo o estudioso, essa época, significou, um corte na vida intelectual, um esforço crítico de toda uma geração que não se identificava com o estilo de pensamento predominante nas primeiras décadas do século passado. Acreditavam serem “intelectuais de vanguarda, imbuídos da missão de conhecer o passado, reinterpretá-lo a fim de exorcizar os dois maiores traumas históricos vividos pelo Brasil: o colonialismo e a escravidão” (MADEIRA & VELOSO, 2022, p.10).

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

Eram regionalistas porque, o regionalismo que inicialmente se inseria na Literatura brasileira, na perspectiva romântica e realista das décadas de cinquenta e sessenta do século XIX, vai dar lugar ao realismo paisagístico e depois ao “paisagismo histórico” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1996, p. 51) do século XX. Essa produção é vista pelo estudioso como “literatura fiel à descrição do meio”, ou seja, uma especialidade literária que narra as histórias de suas províncias, suas paisagens atemporais do país e de sua gente. Esse momento vincula uma plêiade de autores brasileiros interessados nas particularidades locais e que, em grande medida, torna segundo Albuquerque Júnior, uma marca do regionalismo e que foi determinante na produção artístico-cultural do Brasil. Um regionalismo que, segundo Albuquerque Júnior, após a Proclamação da República, passa a se expressar cada vez mais, buscando se “impor como nacionais, e cujo embate é um dado fundamental na história do país” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1996, p. 65).

Vicentini (1998), avalia que as narrativas promovidas pelos escritores nordestinos nesse período e nos anos seguintes, preparariam o caminho para o reconhecimento de autores e obras que ficariam conhecidos como sertanistas ou sertanejos, herdeiros de uma tendência, corrente ou escola da literatura regionalista, baseadas no lugar dos que escrevem “e não necessariamente da forma com a qual escrevem o fato literário” (VICENTINI, 1998, p. 41), ou seja, o que sentia quando escrevia, para, assim, exercer a função altamente compensatória de resgatar as tradições daquela sociedade, que ele via que estavam se perdendo com a modernidade. Escrevia também para chamar atenção sobre as mudanças que eram necessárias, e também para os fatores que precisavam ser preservados para o funcionamento da cultura e da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, a escola nordestina promoveu segundo Candido (2000), uma “aluvião sertaneja”, apoiada na poesia, prosa, crônica, romance, peça de teatro, ilustrações, desenhos, mapas, textos científicos e estudos de inspiração popular, marcando o “regionalismo literário do Nordeste” em três grandes temas: a) Terra e paisagem; b) Patriotismo regional c) Literatura brasileira, filha da terra.

A ideia era contrapor as repetidas ocorrências de uma região sempre castigado pela seca e a pobreza, e que ainda vivia em pleno atraso, aproximar a região do progresso e conseqüentemente de uma sociedade mais urbanizada e moderna. Então, foi preciso delimitar o que era região e conseqüentemente, regionalismo. E o que seria uma região³ no

³ A noção de região se refere a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Ela remete, em última instância, a *regio* (rei). Pode significar território ou fronteira, espaço, lugar afetivo. É uma construção mental, um construto abstrato, uma generalização intelectual composta por uma grande variedade de experiências afetivas no dizer de Albuquerque Júnior (1999, p. 25)

Brasil? Controvertido é seu conceito. Para Massuad Moisés, o termo pode ser definido como algo típico ou característico de uma dada área geográfica, uma paisagem, um cenário, cujas condições se refletem no conteúdo, um “pano de fundo” para retratar, redefinir, destacar substancialmente um determinado “quadro, conferindo-lhe uma nota especial” (MASSUAD MOISÉS, 2014, p. 354). Esse termo aparece no manifesto de Franklin Távora⁴, nas posições vigorosas de Sílvio Romero, Euclides da Cunha entre tantos outros.

Para Candido, essas manifestações eram típicas do intelectual brasileiro que sempre guardou a “vocalização patriótico-sentimental” para justificar a sua posição na sociedade e, de certo modo, conquistar “aceitação e reconhecimento de escritor”. Por isso, escreviam para mostrar sua afetividade e eloquência com a “cor local [e] o pitoresco descritivo” como “requisitos mais ou menos prementes, mostrando que o homem de letras foi aceito como cidadão, disposto a falar aos grupos; e como amante da terra, pronto a celebrá-la com arroubo, para edificação de quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a ouvi-lo” (CANDIDO, 2000, p. 74). Com efeito, para Candido (2000), o decênio mais importante é o de 1930, pois é o momento em que o romance e o ensaio se colocam como os meios mais importantes de descoberta e interpretação do Brasil que ficam mais inteligíveis quando remetidas ao horizonte da modernidade.

Ensaio e romance: instrumentos de descoberta e interpretação da modernidade.

Se, a intenção dos intelectuais era divulgar os múltiplos temas que possibilitariam pensar e tematizar a formação brasileira, e promover múltiplas visões da modernidade, esse processo, no entendimento de Candido (2014), renovou o pensamento sobre o Brasil. Ele aponta que na geração Romântica do século XIX (1836-1870), o processo de produção do conhecimento era mais homogêneo, pois havia certa superioridade entre discípulos e mestres. Na geração Modernista (1922-1945), o processo de produção de conhecimento, mesmo reconhecendo certa notabilidade de textos e a relação entre mestres e discípulos, foi se tornando mais heterogêneo e diversificado que o anterior.

Isso produziu uma quantidade de textos de maior abrangência e consistência no plano do pensamento e, conseqüentemente, nas formas de produção e exposição do conhecimento. Nesse ínterim, a literatura que se apresentava na feliz expressão de Antônio Candido (2014)

⁴O manifesto de Franklin da Távora divulgado em *O Cabeleira* serviu de base para o “Manifesto Regionalista” (1926).

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

como “fenômeno central da vida do espírito”, ganhou uma força de penetração junto aos intelectuais, porque era o meio de expor e produzir conhecimento sobre a realidade brasileira de modo mais amplo. Simultaneamente, os então “homens das letras” passaram, também, a desempenhar o papel de “homens da ciência”, no período que se estende de meados do século XIX até um pouco depois de 1945.

Então, como “É característico dessa geração o fato de toda ela tender para o ensaio” (CANDIDO, 2000, p. 113), foi amplamente adotado pelos modernistas que segundo o estudioso “preparou, no Brasil, os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de 1930” (CANDIDO, 2000, p. 114)

Sua adoção, permitia dialogar com a ciência, demonstrar conhecimento especializado e autoridade para aplicar ou reelaborar ideários de interpretação da realidade brasileira. Nesse ambiente intelectual, vai se destacar diante da literatura ao se tornar um tipo de gênero misto “construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil” (CANDIDO, 2000, p. 119).

Uma combinação sem fronteiras com a “imaginação e a observação, a ciência e a arte”, adquiriu um traço que se tornou o “mais característico e original do nosso pensamento” (CANDIDO, 2000, p. 119). O ensaio, para Candido (2000), ganhou notoriedade ao funcionar como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, “graças ao seu caráter sincrético, [e] certa unidade ao panorama da nossa cultura” (CANDIDO, 2000, p. 119). Para ele, esse gênero brasileiro de produção e exposição de conhecimento se apresentará na formação do sistema, provavelmente entre meados do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, no seio das academias, entre os intelectuais ilustrados, homens de letras em graus variáveis e empenhados na missão de conduzir a “vocação patriótico-sentimental”, de elaborar, em novos patamares, um conhecimento do ainda desconhecido Brasil. O ensaio se firmou nesse influxo, demonstrando uma capacidade vigorosa de estreitar as fronteiras entre a literatura e as ciências sociais.

Talvez seja esse o motivo que confere ao gênero suas especificidades de produ o, como a ênfase nos cont dos, as formas de linguagem, editora o e demais recursos textuais importantes para se alcançar, como bem frisou Cândido, um equilíbrio entre “arte, imagina o e ciência”.

Segundo Candido (2000), Gilberto Freyre ilustra bem esse momento, por representar um coroamento sistemático de como se pode estudar o país com pesquisa e “livre fantasia” sobre o papel do negro, do índio e do colonizador na “formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária” completada com “Sérgio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil) e a interpretação materialista de Caio Prado Júnior” (CANDIDO, 2000, p. 114)

Contudo, para André Botelho (2010), a publicação de “*Populações meridionais do Brasil*” de Oliveira Vianna, em 1920, foi decisiva para reinaugurar o gênero “ensaísmo [na linha] de interpretação do Brasil”. Para Botelho, o gênero ao se basear em características “cognitivas ou narrativas exclusivas, embora alguns traços lhe sejam constantes” vai se distinguir de outras modalidades de imaginação sociológica⁵ que os precederam e os sucederam” (BOTELHO, 2010, p. 48).

O ensaio vai inscrever-se no plano metodológico forjado na “a diferenciação da sociedade em diversas regiões, [...] ou a afirmação da sua unidade em meio à diversidade” (BOTELHO, 2010, p. 56), potencializou os ensaios escritos na década de 1930, vendo no “social” uma categoria explicativa autônoma da formação da sociedade brasileira. Esse ambiente intelectual favoreceu a consolidação do pensamento sociológico que se encontrava de modo embrionário nas escolas normais, faculdades de direito em Recife, Rio de Janeiro e em São Paulo, e de medicina na Bahia. Essa atuação ganhou destaque nas academias de letras e nos institutos histórico geográficos espalhados por todo país. Esses espaços eram lugares de magnitude simbólica em que os intelectuais se agrupavam com os objetivos associativos de finalidade econômica, filantrópica, educacional, social, política e cultural.

São Paulo por vivenciar um processo adiantado de industrialização e urbanização desde o final da década de 1910, criou sua primeira escola específica de Ciências Sociais. Nos outros estados, ainda segundo Ianni (1989), encontravam-se pensadores e estudiosos da embrionária ciência sociais, atuando no magistério, nas academias de letras, instituto histórico geográfico, museu, arquivos que servia como grupo de referência para sustentar seus estudos e pesquisas. Assim, segundo ele, as transformações da estrutura econômica, social e política que estavam ocorrendo com grande intensidade no Sul e nas cidades mais

⁵ Para MILLS (1982), a imaginação sociológica implica em pensar a realidade social de forma mais abrangente, profunda e vasta. Os problemas devem ser compreendidos a partir de uma perspectiva capaz de situar simultaneamente a história, a biografia e a estrutura social dos indivíduos. Mills reforça que o trabalho intelectual deve “compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos” (MILLS, 1982, p. 11).

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

importantes do país, repercutiram nas formas de pensamento e propiciou um ambiente principalmente de atitude crítica de indivíduos e grupos que estavam mais empenhados em renovar o pensamento da realidade social de então.

Nesse cenário, a literatura e as ciências sociais no Brasil⁶ dialogaram de forma diferente da França e da Alemanha. A história da sociologia aponta que na Alemanha a opção se deu com maior ênfase na literatura de caráter monográfico e com uma maior pretensão monotécnicas das ciências exatas. Já na França, como a literatura era campo de muito destaque, as ciências sociais procuraram se distinguir, e foi assim que ela se aproximou das ciências naturais. O temor de se envolver demasiadamente com a literatura e não alcançar sua verdadeira identidade fez a Sociologia, na França, optar por ser uma ciência social do mundo natural. Assim, construiu sua identidade entre o social, a natureza, as humanidades e as letras. No Brasil, a intelectualidade optou por um caminho ambivalente ao colocar a Literatura e as Ciências Sociais em constante movimento, ao explorar seu conhecimento sobre o mundo físico, pitoresco, folclórico, ficcional, humano e científico.

Se o ensaio renovou a abordagem de ênfase culturalista, rompendo com uma historiografia romântica e naturalista, buscando uma linguagem livre e fluente visando atingir um número mais amplo de leitores, o romance, por sua vez, renovou a linguagem literária incorporando tipos e mitos a literatura brasileira como o “bandeirante”, o “índio”, o “negro”, o “imigrante”, o “sertanejo”, os “retirantes”, “vaqueiros”, “tropeiros”, “vareiros”, a “seca”, o “cangaço” entre tantos outros personagens e temas que revelam as configurações e os movimentos da sociedade, em diferentes perspectivas, em distintos momentos.

Ademais, o romance brasileiro, também se firmou na modernidade ao continuar atraindo “uma massa ilimitada de leitores” (MONTENEGRO, 1953, p. 24), pois segundo Montenegro (1953), disciplinava a imaginação se apresentando com precisão e abundância de detalhes da vida de uma época, suas tradições, hábitos, costumes e personagens quotidianos promovendo “verdadeiras fotografias em série da vida” (MONTENEGRO, 1953, p. 24). Para Freyre, Montenegro engrandeceu os sociólogos ao reconhecer que esse gênero, ao incorporar as “configurações culturais” da vida quotidiana, fez do romance

⁶ Ianni (1998), diz que as reformas no ensino superior e a criação dos cursos de Ciências Sociais em 1933, implantou a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em São Paulo. Em seguida, veio a criação da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Distrito Federal (UDF) no Rio de Janeiro. Reconhece que a presença de muitos professores estrangeiros e publicações de obras sociológicas, desde a década de 1920 aumentaram consideravelmente, o conhecimento sociológico no Brasil, surgindo uma nova geração que será responsável por uma definição mais clara dos rumos dessa ciência em nosso país.

brasileiro um “tipo de ensaio sociológico” (FREYRE, 1953, p.2). Por “romance”, Freyre compreende uma narrativa de potencial ostensivamente simbólico, apresentando-se nos tipos: experimental, realista, naturalista, histórico, científico e sociológico. Podendo se apresentar em sua “forma, quer física, quer social, ou psicossocial, com alguma coisa de simbólico a condicionar sua projeção de mito” (FREYRE, 1979, p. 43).

Sob o ponto de vista de Antônio Candido (2014), o romance exprime a realidade do ponto de vista diferente, por seu aspecto “analítico e objetivo”, adequando-se às necessidades expressionais do sec. XIX [...], tornando-se “o mais universal e irregular dos gêneros modernos” (CANDIDO, 2014, p. 429). A verossimilhança tem como função externa, ao fermentar a fantasia, situando-se para além do cotidiano, permanecer “fiel à vocação de elaborar conscientemente uma realidade humana, que extrai da observação direta” os fundamentos de um sistema imaginário durável. Nessa perspectiva, o romance alcançou a condição de gênero aberto, conservou o veio romântico e, desse modo, conquistou, segundo Candido (2014), um posto de “avesso às distinções e limitações, sua frouxidão permite uma espécie de mistura de todos ou outros” (CANDIDO, 2014, p. 429).

Foi nesse cenário que o livreiro e editor José Olympio vai desempenhar um papel decisivo no novo panorama editorial a partir da década de 1930. Além da publicação de uma variedade de títulos de livros, o editor e livreiro criou a “Coleção Documentos Brasileiros: o Brasil em ensaios de história e interpretações sociológicas” e uma dedicada aos “romancistas do Nordeste”, com destaque para José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz e Jorge Amado, criou uma marca tipográfica de grande sucesso, denominada de “Coleção Sagarana” em homenagem a primeira edição da obra de Guimarães Rosa. Segue com novas publicações e novas coleções iam sendo nominadas, formando um mosaico diversificado sobre o Brasil.

Se romance que já havia conquistado uma parcela do público, ajustou-se a modernidade quando os romancistas perceberam que esse gênero de “vocação histórica e sociológica do Romantismo” continuava estimulando o “interesse no comportamento humano, em função do meio e das relações sociais” (CANDIDO, 2014, p. 430). O sucesso do romance, estava em diversificar os lugares, as paisagens, as cenas; com suas épocas e acontecimentos; elegendo personagens-padrões, tipos sociais; convenções, usos, costumes que foram abundantemente levantados, quer no tempo (pelo romance histórico, que serviu de guia), quer no espaço – nos romances regionais. Uma vasta soma de realidade observada, herdada, transmitida, que se elaborou e transfigurou graças ao processo de tratamento da

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

realidade fosse “um ponto de vista, uma posição, uma doutrina (política, artística, moral) mediante a qual o autor opera sobre a realidade, selecionando e agrupando os seus vários aspectos segundo uma diretriz” (CANDIDO, 2014, p. 431).

No Brasil, em conformidade com Candido (2014), o romance na sua fase predominantemente romântica elaborou a realidade graças ao ponto de vista, à posição intelectual e efetiva que norteou o Nacionalismo Literário. Por “Nacionalismo Literário”, Candido compreende escrever sobre as coisas do Brasil. “Coisas” que serviam de ingredientes que fortaleciam o “espírito próprio do século”. Os romancistas imbuídos da “ambição” em escrever sobre o Brasil através dos romances, produziram “epopeias”, “romance fantástico” como retrato fiel dos “pedaços da vida”. Assim, originou autores e obras dos mais variados tipos “que vão do péssimo ao genial” (CANDIDO, 2014, p. 430). Ainda segundo o estudioso, os romancistas ao apostarem no recurso estético, mostraram engajamento no projeto nacionalista. Eles haviam escolhido esse gênero como meio de produção e circulação de pesquisa de interpretação e descoberta do país.

Como fonte dinamizadora da literatura⁷ de linguagem eficiente ao descrever tipos humanos e formas de vida social, o romance prende a narrativa com atenção especial ao meio (sertão, litoral, campo, cidade, interior, região, nação); os contrastes da vida íntima, buscando as causas sociais em um ambiente natural no qual o pensamento da época julgava codificar a partir de elementos culturais que proporcionaram uma fisionomia literária marcada pelo regionalismo que procura uma “*fidelidade ao meio a descrever* o que aprofunda a linha realista estendendo-a para a compreensão de ambientes naturais ainda virgem para nossa ficção” (BOSI, 1985, p. 232). Diante das formulações aqui apresentadas, se os intelectuais buscaram estruturar e organizar espaços orgânicos para manifestar “em graus variáveis a vontade de fazer literatura [*e ciências sociais*] brasileira” (CANDIDO, 2014, p.25), quais as repercussões no Piauí?

⁷ Candido (2000, [VIII. A LITERATURA NA EVOLUÇÃO DE UMA COMUNIDADE] p. 127 - 150) diferencia manifestação literária de literatura. Para ele, manifestação literária é uma atividade privada, de um ou outro homem culto, não dando lugar às relações intelectuais mais permanentes. Literatura é uma associação autor-obra-público - de formas de pensamento; tipos de comunicação, estilos pertencentes a um grupo na dimensão do tempo.

No Piauí, confluências convergentes?

Teresinha Queiroz (1994)⁸, elabora, de modo esquemático e sugestivo, uma sequência cronológica de como se deu o processo de preparação das publicações dos autores piauienses e apresenta esse processo da seguinte forma: a) 1880 - publicação de textos polêmicos de filosofia e literatura, poesia e estudos políticos, desponta a geração da Escola do Recife de "saber renovado"; b) 1890 - publicações de natureza jurídica e política; c) 1900 – 1910 livros de poesia e outros gêneros como história, crônica, crítica religiosa e política se fazem presentes; d) final da primeira guerra mundial, emergem temas de interesse comercial; portuário, econômico, tributário, educacional e afins. No pós-guerra, salienta a estudiosa, emergem interesses práticos em oposição às décadas anteriores. Época de maior atuação de novos talentos e de maior vigor do movimento literário, em face da confluência e convergência de poetas e escritores de gerações diferentes, imbuídos em melhorar as condições materiais de publicação na imprensa.

Teresinha Queiroz (1994) aponta especificidades temáticas em cada geração de autores, embora haja também um universo de proposições de consenso entre eles. O referencial mais constante era compreender e responder sobre a formação piauiense na formação brasileira dentro de um fogo cruzado de conceitos, teorias e metodologias. Persistia o sentimento de abandonados, isolados, atrasados, toscos e incultos.

Nesse período, plasma-se, entre os intelectuais, uma onda de otimismo e pessimismo, clivando as manifestações literárias e demais formas de exposição do conhecimento. Para Queiroz (1994), os escritores piauienses demonstraram “folego curto para o ensaio”, pois a preferência era a poesia vista pelos piauienses como forma preferencial de alcançar a consagração literária dentro e fora do estado, especialmente.

Ainda para Queiroz, grande parte da produção intelectual piauiense, do período estudado, ocorreu por ocasião da ida de piauienses para estudar na Escola do Recife, onde iniciaram a vida literária, e ao retornarem, renovaram e dinamizaram o ambiente intelectual na imprensa - jornais, revistas, periódicos, folhetos; nas conferências, comemorações literárias, religiosas e culturais. Contudo, muitas das publicações piauienses não foram

⁸ O acervo sobre o qual incide nossa análise, resulta da pesquisa bibliográfica de piauienses produzida sobre piauienses, principalmente biografias e memórias de autores e obras da historiografia piauiense. No universo de estudiosos, as teses de doutorado de Queiroz (1994) e Magalhães (1999) e a dissertação de mestrado de Souza (2008) trazem dados mais atualizados. Além disso, fiz uma incursão nos periódicos da biblioteca digital do Arquivo Nacional e de impressos disponíveis no acervo público do estado. A consulta pessoal ao acervo local foi delimitada em vista das precárias condições de consulta, não possibilitando a exploração em sua totalidade.

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

concluídas, por conta das dificuldades materiais dos seus autores, ou, por outras “razões, não chegou a se tornar um produto acabado” ficando por elaborar “uma história da literatura virtual” (QUEIROZ, 1994, p.112).

Se no início do século XX, as publicações eram majoritariamente poesia, prosa, contos e alguns romances, a partir da década de 1940, o ensaio histórico conquista espaço na década seguinte, com a criação em 1951, com o Centro de Estudos Piauienses (CEP) de iniciativa do Movimento de Renovação Cultural coordenada por Raimundo Nonato Monteiro de Santana. Logo, cria-se a revista Econômica Piauiense, que contava com a colaboração de Odilon Nunes e Monsenhor Chaves. A revista só começou a circular em 1957, com a publicação de autores e obras piauienses e assim, assegurar a publicação e venda de ensaios piauiense, por eles editados ou em colaboração com outras entidades, mediante convênios com o estado ou municípios e demais livrarias.

Essa ideia segue na década de 1960, no governo Petrônio Portela Nunes (1963-1967), com a fundação do Conselho Estadual de Cultura para dar continuidade a nova editoração das obras sobre o Piauí que foi aberta em 1966, com uma série de publicações, entre elas *Pesquisas para a História do Piauí* (3 volumes), de Odilon Nunes, pela Companhia Editora do Piauí – COMEPI. A Companhia Editora do Piauí (COMEPI) foi uma gráfica e editora brasileira sucessora da Imprensa Oficial que já existia nos anos iniciais do século XX. Continuou atuando durante a década de 1970, com a implantação do Plano Editorial do Estado (1972) e da Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais – Fundação CEPRO (1974)⁹, pelo governo Alberto Silva (1971 – 1974).

A iniciativa era divulgar de forma mais ampla as obras consideradas como as mais valiosas para o estado, podendo ser de autores piauienses ou não. Nesse período, a editora selecionou como obras de imprescindível valor histórico-cultural a reedição de *Pesquisas para a História do Piauí*, (4 vols), de Odilon Nunes; *A Guerra do Fidié*, de Abdias Neves e *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*, de F.A. Pereira da Costa. Todas contaram com o crédito da Editora Artenova, do Rio de Janeiro, de propriedade do editor e livreiro piauiense Álvaro Pacheco¹⁰.

⁹ A fundação CEPRO representa o ícone de uma geração nascida na Universidade Federal do Piauí com núcleo pensante no Departamento de Ciências Sociais, Economia e História. Possui uma revista denominada de Caderno CEPRO.

¹⁰Álvaro dos Santos Pacheco (1933). Advogado, jornalista, editor e livreiro. Fundou a editora Artenova em 1962 no Rio de Janeiro. Inicialmente direcionada para publicações especializadas, a editora começou a destacar-se a partir de 1969 pelo lançamento de autores inéditos ou pouco conhecidos no Brasil, como Anthony Burgess, Saul Bellow, Bernard Malamud, Konrad Lorenz, Victoria Holt, J. R. R. Tolkien, Raymond

Em 1970, conforme Iara Moura (2005), foi criada a “Coleção Monografias do Piauí”, dividida em quatro séries: Literária, Econômica, Jurídica e Histórica cujos responsáveis eram: A. Tito Filho (Literatura e Folclore); Raimundo Nonato Monteiro de Santana (Economia); Vidal de Freitas e Felício Pinto (Letras Jurídicas); Odilon Nunes, Monsenhor Joaquim Chaves, Celso Pinheiro Filho e Antilhon Ribeiro Soares (História); Celso Barros Coelho (Sociologia e Educação). A obra que inaugurou a Coleção Monografias do Piauí - Série Histórica- foi *Devassamento e Conquista do Piauí*, de Odilon Nunes, que já havia sido publicada em 1960, na Revista Econômica Piauiense, com a denominação de “Domingos Jorge Velho, a História do Piauí e a primazia da colonização piauiense”. Recentemente, foram criadas novas coleções: Coleção Independência (2006); Coleção Grandes Textos (2010); Coleção Nordestina (2011); Coleção Centenário (2014).

Na década de 1980, o “Projeto Petrônio Portella”¹¹ deu prosseguimento ao Plano Editorial do Estado, publicando importantes pesquisas históricas, como, por exemplo, *A Balaiada no Piauí* (1985), de Maria Amélia Freitas Mendes de Oliveira, e *Piauí Colonial: população, economia e sociedade* (1985), de Luiz R. B. Mott. Em 2018, foi criada a Biblioteca Piauiense Professor Raimundo Nonato Monteiro de Santana, que vai permitir acesso a obras sobre a realidade socioeconômica, política e cultural do estado, além de resgatar publicações esgotadas e viabilizar a edição de obras nunca publicadas.

Em geral, as coleções reúnem textos literários e das ciências sociais e humanas de obras de autores diversos, publicados por uma mesma editora, sob um título geral indicativo de assunto, área ou tema, definido pelo mercado, como um modelo atraente, rentável e acessível ao leitor. As coleções podem ser vistas como uma biblioteca ideal que seleciona, classifica e hierarquiza autores e obras com seu padrão de pensamento, que, reunidos, irão se tornar autores e obras designadas como da literatura e das ciências sociais brasileira.

No entendimento de Moura (2013), os anos de 1930, foram de muitas dificuldades para a literatura piauiense que, diante das forças repressivas, causou “um quase vazio literário”, formou uma geração “perdida”, ou seja, apenas de gramáticos, filólogos, os

Chandler, Lawrence Sanders, Sylvia Plath, Iris Murdoch, além de Carl Jung, Rollo May, Jean Piaget e dos nacionais Rubem Fonseca, Clarice Lispector, Carlos Castelo Branco, João Ubaldo Ribeiro, então pouco conhecido. A editora publicou ainda diversos livros do seu próprio dono, também poeta de considerável reconhecimento. Foi a Artenova que fomentou a venda de livros em bancas de jornais e ajudou a popularizar o livro de bolso publicando neste formato, diversos títulos, assim como as edições em quadrinhos, de personagens como a Charlie Brown e Pimentinha.

¹¹ O Projeto Petrônio Portela objetiva divulgar a produção intelectual piauiense e sua capacidade de pesquisar e criar novos estilos, temas e preocupações; visa estimular a produção literária com a editoração de obras de autores piauiense que reflitam aspectos da paisagem, da vida, história, e da cultura piauiense.

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

latinistas, poucos “escritores comandando as letras” (MOURA, 2013, p. 132). O estudioso reconhece que foi essa geração dificultou a introdução do modernismo no Piauí, contudo “precisa ser mais estudado no seu estilo pessoal e no que possa ter influído na cultura da nossa terra, posto que vivia muito mais lá (no Sul) do que aqui” (MOURA, 2013, p. 133).

Embora essa geração seja denominada, segundo Moura (2013), de “perdida”, ela nos mostra uma realidade recheada de intelectuais que buscavam dar continuidade ao trabalho iniciado pela geração que renovou e dinamizou as manifestações literárias piauienses no âmbito das artes, letras e na vida intelectual. Essa continuidade teve, nos anos 40, seu ponto de maior envergadura com a geração “Meridiano, assimiladores das ideias modernistas com atraso”, que fundou o “Caderno de Letras Meridiano”, liderado por Manoel Paulo Nunes, O.G. Rego de Carvalho e H. Dobal que atuaram para reformular as bases literárias e o pensamento piauiense das décadas seguintes no Movimento de Renovação Cultural.

Renato Castelo Branco: romance e ensaio piauiense

Em conformidade com Nascimento (2020), para colocar o Piauí no circuito da modernidade, Renato Castelo Branco, assim como outros intelectuais piauienses fez sua diáspora para um centro nacional. Chegou ao Rio de Janeiro em 1933 para estudar Direito na Universidade do Brasil. Rapidamente, adaptou-se ao ambiente carioca, frequentando, de forma assídua, as rodas literárias das livrarias e cafés-bares espalhados pelo Rio e que contavam com a presença de uma seleta intelectualidade de boêmios, principalmente, ao fim do dia.

Renato Castelo Branco declara que ficou deslumbrado com a forma dos intelectuais se portarem, “falávamos de literatura, poesia, arte, política, dos companheiros ausentes. Discutíamos os novos livros e novos autores” (CASTELO BRANCO, 1981, p. 141). A maioria deles eram “personalidades ilustres – embaixadores, acadêmicos, congressistas, escritores” (CASTELO BRANCO, 1981, p. 140). Logo consegue, em 1934, publicar o romance *O Armazém 15*, seu livro de estreia na literatura, que acompanha a ideia de Coelho Neto na obra *Capital Federal*. Em 1935, transfere-se para São Paulo, onde inicia uma carreira intelectual com a publicação em 1938, do seu primeiro ensaio monográfico *A Chimica das Raças*. Analisa a formação do Norte e do Sul como uma configuração que alimenta um tipo de mentalidade que determinaria a existência, de um “typo do Norte” e um “typo do Sul” (CASTELO BRANCO, 1938, p. 147).

Essa perspectiva foi adotada principalmente pelos intelectuais do sul que definiram uma mentalidade sobre o Piauí como “Estado dos mais pobres”, ou “a terra do boi morreu”

(BRANCO, 1938, p. 162). Para o estudioso, faz-se necessário compreender que civilização é produto do esforço da sociedade em dar “resposta adaptativa de uma raça a um meio”, que nesse processo ocorre uma diversidade de “fatores de atração e repulsão”, assimiladores e adaptativos dos veículos de cultura “em geral, fenomeno profundamente persistente, no tempo e no espaço” (CASTELO BRANCO, 1938, p.15).

Segue tecendo comentário de como os pensadores brasileiros, equivocadamente, afirmam a necessidade de o Brasil ser dividido em “Norte e Sul” e subdividido em regiões de maior ou menor importância. Diz que os “nossos sociólogos, quasi todos, estão acordes em dividir o Brasil em duas civilizações dispares, como mencionamos acima, que se revelam na mentalidade, na cultura, nas tendências idiomáticas e nos próprios caracteres raciais” (CASTELO BRANCO, 1938, p. 154). É ela, a “civilização sulista”, onde São Paulo é sua máxima expressão, representada pela velha figura de “um caudilho vivo, onde o Brasil se crystaliza” (BRANCO, 1938, p. 154) num “trem de ferro, arrastando os 20 vagões vazios”.

Por outro lado, há de se reconhecer segundo o estudioso que o Norte desempenhou esse mesmo papel no período áureo do açúcar; Minas no tempo do ouro; Amazônia com a borracha; o Piauí com o couro; sem esquecer-se do papel dos rios, da paisagem, dos movimentos regionais que foram decisivos para fundar a brasilidade. Essas são questões que, para ele, “haverá de prevalecer sobre os impulsos que possam gerar um Brasil dividido, mas unido em seu destino na mystica da Pátria!” (CASTELO BRANCO, 1938, p. 162).

Para continuar levando suas ideias mais adiante, Renato Castelo Branco publica, em 1942¹², outro ensaio denominado *A civilização do couro* que segundo Freyre Renato Castelo Branco é “Um jovem e lúcido pesquisador piauiense” que pretendeu, em seu ensaio sobre o que chamou “a civilização do couro” (FREYRE, 2004, p. 64), fazer jus à homenagem ao estado que por muito tempo foi “zona por excelência do boi”, teria, este, tido uma “formação sociologicamente única na formação brasileira” (FREYRE, 2004, p. 64)¹³. Nesse estudo, o autor acolhe integralmente as ideias de Euclides da Cunha para analisar o sertão da “Civilização do Couro”, sua estrutura social e os dilemas do Piauí e do Nordeste. O estudioso declara seus propósitos de ampliar, esclarecer, superar ou rejeitar conceitos sobre a “nossa terra, seu povo e sua civilização” (NASCIMENTO, 2020, p. 139). Para isso, empenha-se na

¹²Segundo o autor, o título preliminar era “Onde termina o Nordeste” que foi substituído pela “A civilização do couro” e depois publicado como *O Piauí: a Terra, o Homem, o Meio* pela Livraria Quatro Artes de São Paulo, em 1970. Integram também a obra fotografias e um “Dicionário de Expressões Regionaes (Termos usados no presente livro)”. A 2ª edição foi publicada pela Coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras.

¹³ As referências de Freyre sobre o estudo de Renato Castelo Branco foram feitas na edição de *Sobrados e Mocambos* de 1949.

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

“missão” de incluir “nosso Estado na literatura sociológica brasileira”, visto que os estudos piauienses,

[...] são pouquíssimos, e os que existem estudam-no sob aspecto isolado, sem apresentar um panorama geral, uma compreensão sociológica uma interpretação da alma das populações [...] inúmeros outros pesquisadores eméritos, de nossa terra, que dedicaram sua inteligência ao estudo de um Estado tão desconhecido que inspirou a alguém suspeitar de sua existência geográfica (CASTELO BRANCO, 1942, p.11).

Renato Castelo Branco reconhece o inegável valor desses trabalhos especializados, no entanto, são estritamente locais, não conseguindo abarcar no plano nacional uma pesquisa que dê conta da “essência da civilização piauiense, as linhas mestras de seu organismo social e econômico, a sua alma, por assim dizer” (CASTELO BRANCO, 1942, p.12).

Em 1948, Renato Castelo Branco publica seu primeiro romance histórico sociológico intitulado *Teodoro Bicanca*¹⁴ “uma obra regionalista do Modernismo piauiense” (LIMA, 2009, p. 109). Em conformidade com Nascimento (2020), o crítico literário Afonso Schmidt avaliou o livro como movimentado, intenso e bem escrito, apresentando qualidades que o colocam na primeira linha da nossa literatura do gênero, que marcaria época da literatura dos anos de 1930. O crítico ainda ressalva, o rio figurar como tema principal, de maneira até então não explorada pelos regionalistas do porte de José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros.

Assim, Renato Castelo Branco colocou o Piauí no quadro do ensaio e do romance brasileiro. Sua produção possui uma ampla conexão com o contexto modernista e regionalista da época, pois buscou divulgar a região com suas particularidades e universalidades na vida brasileira. Renato Castelo Branco escreveu e publicou além de romances e ensaios em editoras de grande atuação no mercado do livro. Contudo, essa produção ainda carece de análise na literatura e nas ciências sociais piauiense. De fato, identificamos breves referências sobre o autor nos dicionários, enciclopédias, biografias da literatura piauiense e ausência na historiografia contemporânea piauiense.

Nas referências é possível acompanhar uma cronologia de sua atuação nesse período quando criou e se torna diretor da Associação Paulista de Propaganda; trabalhou como

¹⁴ O romance concorreu no concurso do Instituto Nacional do Livro, ganhando o Prêmio de Livro do Mês. Foi publicado em única edição pelo Instituto Progresso Editorial na Coleção Igarassu. O autor cultivou os mais diversos gêneros: poesia, ficção, estudos arqueológicos, sociologia e história. Mas ele foi, sobretudo, um escritor do chamado romance histórico e escreveu, entre outras obras, uma trilogia de reconhecido mérito literário: *A Conquista dos Sertões de Dentro, Rio de Liberdade e Senhores e Escravos*. A 2ª edição de *Teodoro Bicanca* saiu pela Coleção Centenário da Academia Piauiense de Letras.

tradutor da Livraria e Editora Globo; quando atuou por longo tempo na sua atividade de publicitário, e nesse entremeio as muitas publicações até 1992.

Apesar do ainda anonimato de sua produção, Renato Castelo Branco conseguiu emplacar seu nome em um campo extremamente seletivo de escritores que conseguiam publicar e ser comentados por críticos literários de grande expressão nacional. Essa projeção no mundo das letras brasileiras era algo almejado por muitos escritores principalmente piauienses. Porém, o fato de não ser tão visto, lido e ouvido com relação a outros de sua geração, não faz dele um escritor menos importante, nem faz de sua obra algo não merecedora de atenção. Haja vista, que é toda fundada na paisagem piauiense, na vida cotidiana da cidade de Parnaíba, do rio e da vida rural. Essa paisagem sustentou o romance e ensaio modernista e regionalista.

Enfim, os desdobramentos ocorridos ultrapassam os significados usuais que transformações desse vulto provocam no universo da cultura, uma vez que, muito embora o modernismo tenha sido na origem um fenômeno tipicamente de São Paulo, e mesmo do Rio de Janeiro, a fixação dos princípios vanguardistas também se realizou integralmente com a incorporação dos regionalistas ou de autores e obras de outras regiões.

Diz Freyre que modernistas e regionalistas contribuíram não só para desenvolver outro modo de olhar o Brasil, mas por inaugurar um olhar identificado como inter-regional fazendo da realidade um conhecimento “vital de um mundo novo e mais harmônico” (FREYRE, 1947, p. 314). Freyre reconhece que ocorreu uma “revolução cultural” que foi realizada com “êxito literário e artístico mais imediato”, pelos “modernistas do Rio e de São Paulo”.

Que, comparativamente, modernistas e regionalistas ficaram na vida brasileira ao “revolucionarem as letras e a vida do Brasil” no sentido integral do termo, que pode ser resumido em autenticidade, espontaneidade intelectual ou cultural. Além disso, conquistaram a confiança do público e da crítica, que foi depositada nesses movimentos ao fazer os brasileiros acreditarem em si próprio. Esse foi um fator determinante de “libertação intelectual e artística do Brasil dos excessos de subordinação colonial à Europa ou aos estados unidos” (FREYRE, 1947, p.316).

Estudar o romance e o ensaio na confluência entre as ciências sociais e a literatura em tempos modernos, possibilitou uma compreensão mais ampliada do mundo dos autores e obras, das ideias e temas abordados, das condições de produção, do tipo de produto, do estilo da narrativa, das técnicas de exposição, a quem e como se dirigia, os espaços de exposição

O ROMANCE E O ENSAIO NA CONFLUÊNCIA ENTRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A LITERATURA EM TEMPOS MODERNOS

– imprensa, editoras, livrarias, conferências, institutos, academias -, as influências teóricas e metodológicas.

Então, percebemos ritmos paralelos e entrelaçados. Há um repertório comum de ideias e temas; do que se lia e como se lia no e para o Brasil; que livros, coleções, prateleiras, bibliotecas, editoras, leitores, leitura, os editores e, conseqüentemente, ao mercado; de como era selecionado, dentre outros, o autor e a obra para ser publicada, e desse modo, renovar a leitura dos nossos clássicos fosse romancistas ou ensaistas, modernista ou regionalista, continuam a despertar e suscitar análises críticas em torno da literatura e das ciências sociais, pois podemos (re) lê-las à luz das questões mais prementes de nosso tempo modernas ou mesmo pós-modernas, clássicas ou contemporâneas. Esse pode ser o caminho para se construir uma ciência social que entenda o processo de pesquisa como uma instância muito mais criativa e aberta da que tradicionalmente se desenvolveu na esfera científica, reincorporando dimensões que foram esquecidas na abordagem e formulação de problemas e de soluções do mundo contemporâneo.

74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Ed. Massagana: São Paulo: Cortez, 1999.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país in *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 2010 (disponível/ www.Scielo.br/ acesso 12/07/2015).

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 33 ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985. p. 210

CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 8ªed.-São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CANDIDO, Antônio. O triunfo do romance in *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos (1750-1880)*. 15ª ed.- Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2014

FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ªedição in MONTENEGRO, Olívio. *O Romance Brasileiro*. 2ªed.-revista e ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

FREYRE, Gilberto. *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro (em torno das projeções de tipos sócio-antropológicos em personagens de romances nacionais do século XIX e do atual)*. São Paulo: Cultrix; USP, 1979.

IANNI, Octavio. *Sociologia da Sociologia. O pensamento sociológico brasileiro*. 3ªed. revista e aumentada. São Paulo: Ática, 1989.

Humana Res, v. 6, n. 9, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 58 – 75, jan. a jul. 2024. DOI: citado na pág. inicial do texto

MADEIRA, Angélica e VELOSO, Mariza. O Modernismo nas Ciências Sociais. Reflexões em torno de três clássicos do Pensamento Social Brasileiro. *Cienc. Cult. [online]*. 2022, vol.74, n.2, pp.1-11. (<https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=o-modernismo-nas-ciencias-sociais>. Acesso 15.12.2023)

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Literatura Piauiense. Horizontes de Leitura e Crítica Literária (1900 – 1930). Teresina: FCMC, 1998.

MICELLI, Sérgio. Intelectualidade à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOSEIS, Massaud. Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. 7ªed.-São Paulo: Cultrix, 2014.

MOURA, Francisco Miguel de. Romancística in SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org). Piauí: Formação-Desenvolvimento-Perspectiva. Teresina: FUNDAPI, 1995 (cap. IX).

MOURA, Francisco Miguel de. Literatura do Piauí. 2ªed.-Revista, ampliada e atualizada. Teresina: EDUFPI, 2013

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. ESTADO E PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA PIAUIENSE in X SIMPÓSIO ANPUH, 2008, Teresina, UESPI.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. Historiografia Piauiense. Relações Entre Escrita Histórica e Instituições Político-Culturais. Teresina: FCMC, 2015

MONTENEGRO, Olívio. O Romance Brasileiro. 2ªed. revista e ampliada, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. Espaços retraçados, questões redefinidas sobre o sertão e o sertão do Piauí no pensamento brasileiro e regionalista. PUCSP, 2020(Tese de doutorado).

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. Os intelectuais e sua relação com a formação do pensamento sociológico: das origens a institucionalização das ciências sociais no Piauí. Teresina: UESPI – PIBIC, 2020-2021 (Disponível: www.sigprop.uespi.br)

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Os literatos e a República: Clodoaldo Freire, Higino Cunha e as Tirânicas do tempo. Teresina: FCMC, 1994.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. História e Identidade: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. Sociedade e Cultura. Goiânia, 1998. (Disponível/ www.revista.ufg.br/ acesso 23/01/2016)